

Para o homem medieval, o referencial de todas as coisas era sagrado, fenômeno psicossocial típico de sociedades agrárias, muito dependentes da natureza e, portanto a mercê de forças desconhecidas e não controláveis. Isso gerava, compreensivelmente, um sentimento generalizado de insegurança. Temia-se pelo resultado, quase sempre pobre, das colheitas. Temia-se a presença frequente das epidemias, que não se sabia combater. Temia-se, sobretudo pela vida futura: no século XIII um pregador franciscano estimava a probabilidade de salvação em 1 por 100.000. Desamparado diante de uma natureza frequentemente hostil, o homem encontrava as origens disso, e as possíveis escapatórias, num mundo do além. Sem dúvida, aquela era uma “sociedade habituada a viver sob o signo do sobrenatural”.

De fato, os poderes negativos se constituíam numa realidade palpável para aquela sociedade de tempo rigidamente dividido entre dia e noite, sem luz artificial eficiente, na qual as trevas eram, portanto fortemente sentidas. Sua presença quotidiana era indisfarçável e esmagadora. As atividades humanas ficavam limitadas às horas diurnas. A noite era o momento do desconhecido, portanto do assustador. Significativamente, ela era circunstância agravante para a justiça medieval.

Porém às trevas se opunha a própria divindade, que se definira como “a luz do mundo”, daí para o homem medieval a luz não ter sido somente um fator de confronto material, mas especialmente de segurança psicológica. O gosto pelas artes nos manuscritos, pinturas e vitrais, nas joias e armas dos poderosos, nas esculturas admiradas por todos, estava relacionados à luz. Os artistas representavam Cristo como sol; o filósofo Guilherme de Auxerre (século XIII) identificava o belo com a luz, poetas como Dante Alighieri imaginavam Deus como “Ó luz que vives de teu próprio ardor”. Os santos e os heróis eram geralmente descritos como seres “luminosos”, muitas vezes loiros como Tristão. (FRANCO JÚNIOR, 1986)

Todo o imaginário do homem medieval era aguçado pela sua vida cotidiana repleta de dúvidas e medo, a presença da luz solar era bem vinda, trazia consigo uma engrenagem que movia e inspirava toda sociedade medieval, mas quando a noite chegava, aflorava e despertava mitos e lendas que estavam não só na mentalidade, mas também no cotidiano envolvendo e transparecendo o desejo por cores fortes e brilhantes que se aproximassem cada vez mais com a incidência solar. Esse desejo era expresso nas artes, esta explícita nas iluminuras e vitrais, que

foram usadas nas catedrais românicas e estendidas e desenvolvida nas catedrais góticas.



**Figura7 vitral gótico da catedral de Saint Denis<sup>10</sup>**

Diante do exposto, podemos concluir que a cidade medieval estava presente na Europa mesmo com o forte processo de ruralização vivido pela sociedade após o declínio do Império Romano do Ocidente. Como vimos, a partir do século XI inicia-se um êxodo rural e conseqüentemente um aumento populacional considerável nas cidades, quando se desencadeia uma pluralidade cultural em consequência de uma expansão comercial, diversificando a economia.

O fortalecimento econômico gerou um aquecimento na sociedade urbana medieval, abrindo novos campos como arquitetura, pintura, surgimento das universidades, entre outros, o que faz com que consideremos que a cidade medieval foi um “celeiro” de oportunidades para o desenvolvimento artístico, cultural, econômico e social, desmistificando o título de “Idade das Trevas”, atribuído a este período pelos Renascentistas.

Consideramos, pois, que a sociedade medieval, em particular sua vida urbana, foi bastante produtiva e importante em diversos aspectos. Legados como o comércio, as construções das catedrais românicas e as sofisticadas catedrais gótica, além de pinturas, esculturas são ricos demais para serem desprezados. A cultura da própria vida cotidiana, embora limitada ao dia\_ pois a noite a escuridão tomava

---

<sup>10</sup> Disponível em: <http://catedraismedievais.blogspot.com.br/2010/02/multiplos-significados-ensinamentos-e.html>; acesso em 13/11/2012

conta pela não existência de luz elétrica\_ não escurecia a imaginação e a criatividade dessa sociedade iluminada pelas fortes cores dos seus vitrais e magnitude de suas imponentes construções.

## REFERÊNCIAS

BASCHET, Jerome. **A civilização Feudal: do ano mil à colonização da América.** São Paulo: Globo, 2006.

FRANCO JR., Hilário. **A idade média: Nascimento do Ocidente.** Local: Brasiliense, 1986.

JANSON, H M. JANSON, Anthony F: **Iniciação à história da arte.** Local: São Paulo; Martins Fontes, 1996.

LE GOFF, Jacques. **O Apogeu da cidade medieval.** Local: São Paulo. Martins Fontes, 1992

\_\_\_\_\_ . **Por amor as cidades.** Local: São Paulo. UNESP, 1998.

PEDRERO-SANCHES, Maria Guadalupe. **História da idade média: Textos e Testemunhos.** Local: São Paulo. UNESP, 2000.

PROENÇA, Graça. **História da Arte.** São Paulo: Ática, 2002.